

ROSAMONDE

O TOURO da MORTE



Bandeira Tribuzi



BANDEIRA TRIBUZI

Para Amélia, Tiana e Gabriela
filhas e netas de Bandeira Tribuzi

ROSAMONDE
(O Touro da Morte)
Prefácio de Roberto Aguiar

SIOGE
São Luís
1985

COPYRIGHT © BY MARIA DOS SANTOS PINHEIRO GOMES

FICHA TÉCNICA

Composição: Reinaldo
Revisão: Rossini Corrêa
Diagramação: Dilane Nascimento e Alzegira Pinheiro
Fotomecânica: José Ribamar Amorim
Impressão: Wilson Martins
Encadernação: Francisca Souza
Capa: Geisa Arlene
Motivo do Touro: Floriano Teixeira
Caricatura: Fidelis
Fotografia: Reprodução feita por José de Ribamar Moraes
Colaboração: Maureli da Costa Santos Corrêa

**IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL**

REFLEXÕES SOBRE UMA DÚVIDA

Roberto Aguiar*

Para um círculo pequeno de iniciados, o nome do maranhense Bandeira Tribuzi representa mais, muito mais, do que uma simples referência. Para a maioria porém, mesmo para a maioria dos amantes da literatura brasileira, o nome do autor de *Rosa Monde* aparece-lhes na mente como uma dúvida: “Não foi ele contemporâneo de Ferreira Gullar ou – (Será que estou certo?) – terá sido ele o predecessor do último?”. Creio mesmo que, por fidelidade à verdade, mesmo entre os integrantes do círculo íntimo dos *cultores e críticos* da literatura brasileira contemporânea a dúvida da maioria não seja algo inteiramente estranho. No meu caso, confesso, não fora a amizade com o jovem intelectual maranhense Rossini Corrêa, e estaria ainda entre os cultivadores da dúvida.

Depois de cinco anos ausente do país e da leitura da prosa e dos versos brasileiros, meu amigo me pôe nas mãos outra obra de Tribuzi. Uma peça teatral. Meu espanto foi maior do que o meu desconhecimento a respeito do autor maranhense. Tribuzi, o poeta e crítico, agora estava à minha frente como teatrólogo. Por que *Rosa Monde* não foi publicada antes?

A leitura desta obra é, antes de tudo, deslumbrante e reveladora. Nela, Tribuzi revela-se um dramaturgo maduro, ousado e seguro no uso que faz de algumas técnicas, aparentemente contraditórias. Ele combina, por exemplo, a utilização dos coros clássicos – tão presentes na dramaturgia grega – com efeitos luminosos, só possíveis no Século XX. Lança mão de personagens e temas universalizados – o Louco, Maria Amor e Rosa Falsa, entre os primeiros, e a revolução, a virgindade e o castigo e a redenção, entre os últimos – sem deixar de ser singular. Brasileiro e regional, mas sem jamais ater-se ao regionalismo.

O mais deslumbrante nesta peça de Tribuzi é a maneira como o seu tema central – a transformação do real – é apresentado. Mudar a realidade adversa é vista como uma ação não apenas política – revolucionária – mas sobretudo um ato sagrado, mítico – redentor – por intermédio da Pureza e da

* Sociólogo. Professor Adjunto da UFPe. PHd. pela London School of Economics.

Entrega. Na verdade, o elemento religioso atua como a força catalizadora, através da qual todos os demais componentes da cultura – o político, o filosófico, o econômico, o trágico, o épico e, até mesmo, o puramente mítico – são harmoniosamente sintetizados.

Assim, Rosa Monde – o personagem – é a virgem redentora, antes de ser o herói revolucionário.

Enquanto construção literária, *Rosa Monde* – a peça – jamais pode ser tida como racionalista. Não se trata de uma bem articulada organização de temas culturais, racionalmente ordenados numa síntese mental perfeita. Tal síntese e tal ordenamento culturais estão presentes em *Rosa Monde*, pois que sem eles não haveria nela obra literária a ser considerada. Mas, para além desta construção articulada de temas e personagens em um discurso consistente, *Rosa Monde* é uma síntese estética. Razão e sentimento, técnica e consciência, combinam-se e produzem um objeto artístico belo, culturalmente consistente.

Não existe, latente ou manifesto, na obra uma teoria da cultura brasileira ou uma pregação de qualquer natureza, política, filosófica ou moral. Melhor dito, o autor não se serve de sua obra para *catequizar* o público. Tribuzi revela sua visão de mundo desprovido de intenções pedagógicas de qualquer espécie, até mesmo estéticas. A sua teoria da cultura é *Rosa Monde*, uma Virgem que vence o mal – o Touro – porque é simples e pura, igual aos mais simples e puros.

Ao contrário de Macunaíma – o herói malandro e esperto, tão ao gosto de uma certa modernidade urbana – *Rosa Monde* é santa. Tribuzi a extrai não de lendas absorvidas, mas de crenças – tanto rurais como urbanas – de que a verdade é pura e a pureza é virgem. Não tem mácula. *Rosa Monde* surge, então, como sendo, a um só tempo, a Virgem Maria e a Donzela domadora do Dragão. Imagens vivas de Virgem e de virgindade que são partilhadas por crentes e não crentes brasileiros, rurais ou urbanos.

Mas, há muito mais em *Rosa Monde*. Do dilema filosófico – Verdade ou Loucura – ao político, Violência ou Solidariedade. Da discussão sobre o pecado e a punição, à crença no sebastianismo. Da dramática imolação de Maria Amor, ao encantamento beatificante de *Rosa Monde*. Há o encontro com o mar – caminho dos Céus – de onde também vem o mal – o Touro – para ser vencido por uma Virgem que diz ao Louco: “pois assim quis o Destino, que se cumpra em mim vossa palavra.” Há tudo isto e muito mais. Há sobretudo uma história de porque a transformação do real é acreditada.

A peça é literariamente erudita. Muito provavelmente, a maioria da população brasileira a acharia de difícil compreensão. Não é, porém, hermética. Não necessita de compêndios propedêuticos para poder ser entendida. O tex-

to se explica a si próprio. As imagens, o enredo e os personagens são o que são no texto. Independem de teóricos da literatura para terem densidade e serem esteticamente reais. É uma peça aberta. Nela e por ela, se pode discutir se realmente a Verdade é coisa do Louco, ou se a crença na revolução envolve a crença em um D. Sebastião qualquer. Pode-se até mesmo discutir se Tribuzi foi, antropologicamente, verdadeiro ao disseminar a idéia de que o brasileiro acredita em que só pela Verdade e pela Pureza ocorrerá a vitória final sobre o mal, a transformação revolucionária da realidade atroz. So não se pode discutir a beleza, a consistência e a unicidade desta peça de Tribuzi.

A linguagem da peça é claramente modernista e pós-45. Mas, mais que isto, ela é singularmente inovadora. Longe de artificialismos linguísticos e de modismos literários, o texto possui, no entanto, uma linguagem audaciosamente inovadora. Não atinge a preciosidade de Guimarães Rosa, que neste particular é único, mas distancia-se da linguagem literária da época. Os conectivos são cortados ao máximo, os adjetivos não são abusados, os advérbios são moderados, a palavra é precisa. Não há recurso a texto escondido para que o significado da linguagem atual seja revelada. Ela se revela inteira ao leitor, ou ao público. Não é só um texto novo. É um texto inovador.

A sensação que resta ao leitor, ao findá-lo, é a de que o texto necessita ser representado. Ao contrário da maioria das peças teatrais, a leitura de *Rosa Monde* deixa ao leitor a certeza de que só encenada ela pode ser integralmente compreendida. O texto repousa no movimento da encenação e o leitor vê-se forçado a imaginar a representação cênica, nesmo que disto não se dê conta.

Após ter lido *Rosa Monde*, minhas dúvidas a respeito de Bandeira Tribuzi foram substituídas por uma questão. Esta peça tem mais de trinta e cinco anos de escrita. Reflete, analisa, ilumina e é expressão de um rico período literário não apenas do Maranhão, mas de todo o Brasil. Por que então não foi publicada naquele período? Tribuzi era escritor atuante e participou de acontecimentos literários regionais e nacionais. Mantinha contatos pessoais e por cartas com pessoas influentes da literatura, da crítica literária e das casas editoras do país. Por que então, *Rosa Monde* não foi publicada? Ciúmes, modéstia ou falta de espaço cultural? Os maranhenses que me respondam. Eu gostaria de ver *Rosa Monde* não só publicada, mas representada. Ela é um texto que nasceu para os palcos. É inovador, revelador e atual. Publicar *Rosa Monde* é um ato de justiça. Levá-la ao palco é uma tarefa cultural. Fico a espera de ver a *Rosa Monde* pisando os palcos brasileiros.

I ATO
o encantamento

**Paisagem de praia procurando dar a
máxima impressão de vastidão. Dia
claro. Os coros nos bastidores.**

O ENCANTAMENTO – 1

Louco –

– Não vejo o mar e vejo o mundo, louco
me chamam porque assim digo a verdade.
Sem surpresa porém – é coisa antiga
o chamar-se a verdade de loucura.
Quando anoitece leio madrugada
na falsa cor que encobre as esperanças
e na certeza que tenho: o desencanto
enfim rasgado por amor da Virgem,
menina concebida sem contato
de carne humana e no geral anseio
tecida carne da manhã, espuma
do arco-íris, soluçar das flores
abandonadas, apelo das ondas,
batismo de esperança e madrugada.
Enfim te vejo...

Pelo desvario
do mundo me parti um dia, quando
ainda acreditava em outras coisas
que não misteriosas esperanças
no coração do povo edificadas.
E vi o que, sonhado, ignoramos
e por ignorar amamos, sujo
e vasto mar do desespero e falso
exterior deslumbramento. Que
de conhecer-se perde esse contorno
enganador. Onde a insidiosa
e torpe realidade nos arrasta
para os abismos que, de muitos vermes
povoados, a vida dilaceram.
Vi o estranho gado que se chama
de humanidade, enrodilhado sempre
em teias de miséria. Pois não vejo

o mar e vejo o mundo cuja rosa
virá por fim quebrar o encantamento,
louco me chamam por que assim...

Invídia — Tu, louco!?

Louco ... digo a verdade. Invídia, a que me chamas?

Invídia O que fazes na praia a uma tal hora
quando vazia está?

louco — Pensava em ti

Invídia — Em mim?

Louco — Em todos nós aqui perdidos
neste sem-fim do mundo, pobres bichos
roendo o trigo desta vida.

Invídia — Louco!

De que perdidas loucas coisas falas
assim na orla do mar...

Louco — ... orla do mundo,
que mundo eu vejo e mar não acontece.

Invídia — Assim me assustas mal falando dessas
vazias coisas.

Louco — Tu, mulher sem graça,
não vês que amanhecendo vão as coisas
e nós, perdidos, não as procuramos.

— Mas eu te vejo a Ti, rosa do mundo,
menina de açucenas concebida
a quem o tempo concedeu a pura
licença de quebrar o, que nos mata,
Touro da Morte!

Invídia — Por que assim falaste?

Louco — Não é para mulheres que da vida
conhecem tão somente o que não é,
não para ti, Invídia desditosa
que vives de ignorar coisas sublimes.
Mas para aquela cujas mãos, em terra,
eu beijarei: a que é fraternidade,
amor e esperança e como rosa
guarda ocultos poderes no perfume
que espalha e os corações de novo tece
um outro mais ardente sangue vivo.
(o louco só)

— Sou eu que, apenas, vejo desenhar-se

e não no mar: no mundo a madrugada
aparelhada gestação de trigo
e outra alegria em nós se derramando?
Rosa do Mundo!

Rosamonde
Louco

– Me chamavas?

– Eu?

Chamar-te? Mas, teu nome...

Rosamonde

– ... Rosamonde.

por minha mãe dado me foi, embora
não veja em mim razão que o justifique.

Louco

– Tu, Rosamonde? A que, menina vi
e em meus braços tomei por tantas vezes
quando este sonho ainda mal sonhava?,
e teus cabelos, Rosamonde, lindos
por meus afagos foram desmanchados?
Serás Rosa do Mundo! (ajoelha)

a que esperamos

para nos libertar, amada pura,
ao teu poder o Touro desmanchado
terá o encantamento.

Rosamonde

– Me confundes

com tais palavras, meu amigo, doces
palavras que antes melhor fora
fossem verdade e não apenas sonho
tão generoso e belo mas somente
sonho jamais tocável. Puro engano.

– Quem sou para tão altas maravilhas
como as que anunciaste por palavras,
pobre menina sem outro destino
que o deste amado povo a que pertence
e ama. Não, meus olhos não levanto
para maior altura que das ondas
onde se guarda o encantamento. Filha
sou deste mar e desta terra amarga
a mais pequena e o coração confranges
falando de maiores esperanças.
Que sou eu, quem sou eu para que possa...

Coro do mar

– Filha
do amor em nós,

gerada flor
silenciosa,
em ti se guarda
o assombro
e o milagroso
gesto
onde renasça
tua raça.
Vem, aleluia,
e teus pés toquem
nossa franja
que beijada
em nova espuma
se fará
azul e branca
Oh! Esperança
conservada
longamente
em que secreta
e portentosa
dor e lágrima
do mundo.
Lírio
de silêncio e refúgio,
luz indestrutível
filhada
pelas carnes
do martírio.
Oh! virgem.
Oh, senhora!
em cujo olhar
boiam venturas,
de teus dedos –
enfim gesto –
virá o toque
do milagre
que nos salva.
Alva
rosa do mundo,
Rosamonde,
teu nome soletramos
na Expetação...

Expetação
Rosamonde

– Escutas?

– Sim, ouço as vozes que do mar se elevam
em coro, proclamando o desejado
tempo, já próximo de nós, ferido
corpo do mundo...

Expetação

– Eu sei há quanto tempo

somente a esperança nos conserva
aos deserdados que de sempre fomos.
Há quanto tempo! Meus cabelos brancos
por mim falando deixo, que não posso
grandes coisas dizer. Mas, já em criança
outras cabeças brancas me disseram
dessa esperança herdada longamente
desde a manhã a mais antiga, ainda
de tempo que não cabe enumerá-lo.
Para maiores coisas destinada
eu fora por meus pais donde me veio
que Expetação chamada fosse. Mas
não era ainda o tempo prometido
e em nossas esperanças preservado.
Expetação fiquei em longos dias
vendo meu povo entregue a seus trabalhos,
cruéis, duros trabalhos. Rosamonde
ao menos possam estes velhos olhos
ao contemplar tua destinação,
sentir o coração, já tão cansado
de uma vida vivida e partilhada
pelos quantos no meu amor abrigo,
estremecer de súbita alegria
que da contemplação me vem, suprema,
da hora prometida enfim já perto
de acontecer como num sonho. Oh! bela
nossa esperança, que o Senhor preserve
imaculada, entre o veneno antigo
do mundo. Verde inveja e feios ódios
contra ti se erguerão, rosa do mundo,
amor deste meu povo...

Rosamonde

– Expetação,

já vou partindo para meus deveres.
Belas, sonhadas maravilhas contas
mas tenho de partir pra meus trabalhos.

Não vejo em mim destino me chamando
para essa excelsa sina que anuncias,
mas se, Destino, assim me regem fados
para que em mim se quebre o encantamento,
(Quem sou eu? Quem sou eu?) mas se me ordenas
Senhor, cumpra-se em mim tua palavra!

(parte)

Expetação

Deus vá contigo, virgem singular
nem minhas mãos te toquem pois resumes
o que é mais puro em nós. Por isso foste
a preferida e abençoada e clara.
Eis que te vejo e o coração me cresce
pois te esperei, com esperança viva,
ó vida, eu te agradeço pois me deste
a antemanhã com suas rosas claras!

Coro dos Trabalhos

– Corpo vivo do mundo somos,
os trabalhos nos chamamos,
por nós a vida se sustenta
e nossas benções caem sobre
vós, ó povo realmente escolhido:
aurora do mundo, pão da vida,
subsolo eternamente re florido
(fica repetindo em surdina)

Velho Bento

– Ouço o milagre em meus ouvidos, velha
amiga Expetação, habituados
eles estão apenas ao lamento
continuado de cruéis trabalhos
e ao pão pedido em vozes transtornadas.

Expetação

Ouço o milagre, amiga!
– Sim, ouvimos
o milagre, quem diria? Ao fim
da rude, insana luta de viver
neste sem-fim do mundo bem amado
pesar da sorte malaventurada,
quem diria que em nós realizada
viria a ser a grande profecia?

Velho Bento

– Entre os signos da morte e da esperança

gerados fomos; até hoje, apenas
a morte nos coubera e sua triste
elegia – vemos agora o novo
signo cumprir-se: os tempos estão perto...
em que a Esperança...

Coro dos Trabalhos – Esperança, esperança
sempre bem conservada
no coração do povo!
Na eterna e permanente
consumação dos dias
entre duros trabalhos
e cóleras e pragas
que o corpo destes filhos
amados castigavam,
viva luz da esperança
tu sempre conservada
permaneceste, pura
visão dos oprimidos!

Velho Bento e
Expetação
Cantor Malasorte

– Esperança, esperança!
– De que falais, perdido vosso tempo
que melhor aos trabalhos fora dado?
Assim vos corrompeis? Assim a vida
tão mal vos ensinou? Esses cabelos
brancos tão pouco ensinamento trazem?

– Esperança, dizeis. Onde Esperança
jamais foi encontrada? Ide aos trabalhos
que a mim me resta a sina de cantar,
canções de antigo tempo transmitidas
sagradamente pelos pais e filhos.

(os velhos vão, ele canta)

– Nossos pecados
nos têm perdidos
e abandonados.
Pobre do mundo
e de quem vive
no mar profundo.

Qual esperança
nos é dada
nesta vida deserdada?

Coro dos trabalhos

– Cala-te louco, cessa
tua melodia impura,
que não vez a manhã
e a rosa do mundo.
Nós somos os trabalhos
de que se tece a vida
– seja amaldiçoada
tua má sina!
Porque é chegada a hora
em que o encantamento
do Touro, que devora
a tua vida, povo,
cessar ao toque puro
da mão, cheia de graça,
da Rosa do Mundo!

Cantor Malasorte

(o touro aparece no escuro com o
cantador em silhueta)
– Esperança, esperança!

(desaparece o Touro e aparece
a rosa do mundo)

Todos

– Esperança! Esperança!

II ATO
asa da morte

1^a Cena – A mesma paisagem do primeiro ato. Vai pouco a pouco amanhecendo até a cena final.

2^a Cena – O cenário dividido: interior de casa pobre, porta de saída e rua.
Anoitece.

ASA DA MORTE – II
1.^a Cena

Maria Amor

– Esperança, esperança!, sempre minha
tu foste, sempre no meu peito acesa
esteve tua clara chama. Amor
veio matar-te, doce amiga que
de minhas horas más contentamento
sempre foste. Este é amor humano
sempre buscando coisas proibidas
desprezando as que fáceis lhe seriam.
E esta é dor, sem remédio nem conserto,
de teimar contra a marca do destino
que, ele só, pode erguer e destruir
nossa felicidade ou desespero.
Mas por te amar... meu sonho, a quem daria
tudo que houvera em mim, ainda as menores
e pequeninas coisas que em mim haja:
rosa aberta seria minha carne
e minha boca só para teus beijos.,
e meu olhar do teu se animaria,
ouvirias palavras as mais ternas
e meu carinho todo teu... Amado,
ó meu amado para quem, sofrendo
minha mãe me gerou se dividindo
em mim, me dando sua carne e alma
um pouco triste desta tormentosa,
amarga vida; para quem nascida
fui em tremendas dores. Já menina
te sonhei e esperei sem outro sonho
que ter-te para amar-te, com aquele
tão desmedido amor só de quem ama
através a amargura de esperar
com incerteza e dor e desespero.

E ter-te junto a mim mas proibida
de te dizer o quanto tu me és caro,
tão mal amado, Malamado meu!
E jamais presentires que sou tua
até aos folhos de alma e o escondido
lugar onde de amor a fonte nasce.

– Me perdoa, Senhor. este queixume
que não contive. Sei que não devera
assim queixar-me desta dor só minha
se a dor maior comum em si a toma
e deixa pequenina, sem sentido
na geral incerteza e dor do mundo.
Pois mais não posso... que, sofrendo ajude
meu sofrimento a libertar do signo
de vida rude, meu amado povo.
Pois mais não sou...

Ledo Engano
Maria Amor
Ledo Engano

– Do que uma flor marítima!

–... que humilde filha tua, a mais inútil.
– Belas palavras essas e o sorriso
de tua boca fresca como os campos
que a primavera acaricia, belos
teus olhos que do mar saídos foram
e sua cor conservam. Mas que lástima
carpías, linda flor?

Maria Amor

– De amor falava

que não tenho e me fere e não se apaga:
melodia que nasce no meu peito
e é sede que não pode saciar-se...

Ledo Engano

– Mas, tu assim falando? Pois decerto
não faltarão os que de amor por ti
sintam o coração descompassado!
Aqui estou e, só de olhar-te, sinto
que todo eu me exalto e quase louco
não sei que ainda faz que me detenha?

Maria Amor

– Detém-te!, pois inútil te seria
o gesto de paixão, és um estranho
que mal conheço, outro teu povo, outras
por certo tuas formas de pensar.
E mais: não posso amar-te pois ferida

de há muito estou. Vai, segue teu caminho.
Nele não faltarão quem te ofereça
o que não poderei oferecer-te.
Meu corpo é desta terra e minha raça
de humildes pescadores, não me tentam
falsas grandezas, vãs ilusões mortas.

Vai, que meu coração de há muito é dado
a que sequer suspeita possuí-lo...

(L.E. afasta-se lentamente)

Ledo Engano

– Enfim, vejo que é vã toda a porfia,
parto, partido o coração...

(chega correndo Invidia)

Invidia

– Eu vi que vos faláveis!

Como te invejo! É belo Ledo Engano!

Maria Amor

– Mas simples ledos engano, brilho falso
que não me tenta.

Invidia

– Que dizeis? Com ele

me partiria eu agora mesmo
para essas terras donde veio, claras
terras onde o destino não maltrata
como a nós, como a nós...

Maria Amor

– Assim blasfemas!

contra isto que é nosso, onde nascemos
e nossos pais e avós se consumiram
tal como nós em lutas infundáveis
contra a sombra da morte e o desespero
e o pão avaro? Eles jamais disseram
essa dura palavra que te atreves
tu, Invidia quem és?, a pronunciar!

Não trocarei esta miséria e dor
pelo mais claro (e falso!) céu estranho.
Aqui, para morrer, eu fui gerada
aqui quero morrer...

Coro da Morte

– A morte apenas terá enquanto
te embalar esse sonho de queres
amar até ao fim a terra ingrata
que não te viu nascer, pois mãe alguma

neste abandono os filhos lançaria.
Mas, se persistes em amá-la, pois
a tal loucura atada assim te sentes
é de morte teu signo. E em nosso rio
de morte boiará teu corpo inútil
preso ao amor de quem não sabe amar-te.

Qual decepada flor, rosa ferida,
tu, a quem tantas graças foram dadas
pela mão da suprema Natureza.

**Tu, a de quem dizer-se poderia
que foram fadas as madrinhas, pois
tanta beleza apenas poderosas
coisas supremas a concederiam,
já que persistes, viverás bem pouco
vendo. por esses olhos belos, toda
a desgraça em teu povo se abatendo!
Apenas morte...**

Invidia

– Ouviste, ouviste, ouviste?

Dize-me: – que te prende ainda a esta
nossa vida vazia e miserável
quando tudo maior se te oferece
por mão de Ledo Engano?

Maria Amor

– Pois que assim

tais vozes me ameaçam, fica certa
de que não ouvem meus ouvidos loucas
promessas nem temores. Tenho forte
o coração curtido de sofrer
e aqui é meu destino pois não troco
a vida honesta de meus pais herdada
por brocados e rendas mentirosas.

Coro das Pragas

– Mentirosas?

Em breve assistirás
teu povo como ave malferida
cair varado pela dor, extinto
para sempre. Pragas
sem nome lhe virão mortais e feias
o seu corpo, coberto de feridas,
seus rebanhos marítimos cessados,

estéril sua terra, estéreis
os ventres onde a vida se conserva!
Tamanha dor lhe levará os cantos
e as palavras e os gestos, como planta
cuja raiz em vão procura a seiva
no chão amaldiçoado. Assim
os seus filhos mais fortes se perdendo
verá teu povo pelo encantamento
do senhor Touro jamais saciado.
Onde a donzela que satisfazer
consiga a impaciência secular?
Vemos correr os tempos corrompidos
e as vontades e o coração.
Tu, verás morte e miséria se espalhando
– que podes tu, ó coisa miserável?
Que se ao menos em gesto de defesa
colhesses vida pródiga ofertada,
mas ... louca e desvairada...

Invídia

Maria Amoi

– Ouviste, ouviste?

– Maior amor me prende à minha gente
e àquele que, em segredo apenas, posso
amar de puro amor não consentido.
Inútil; não me assusta a maldição
e, se meu povo morre, pois que morra
com ele o coração que lhe pertence.

Maria da Praia

Ambas

– Assim vos vejo perturbadas?

– Sim,

pois acabamos de saber verdades
que melhor nos seria não sabê-las.

Mãe da Praia

Ambas

– Que me dizeis?

– São de pragas e morte
as vozes que acabamos de escutar.

Mãe da Praia

Ingênuas, pois assim vos entregais
aos cantos enganosos do inimigo?
Sabei que a hora vem chegando quando
será liberta nossa raça das
misérias que a oprimem. Encontrada
já foi pelo destino aquela Rosa,
filha do nosso povo, flor puríssima

pela qual nos veremos libertados
do encantamento e maldição do Touro!

Veremos uma nova madrugada
e será nossa a alegria. A dor
para sempre afastada. E cantaremos
cantigas quando o mar sempre sereno
e farto, para nós for um amigo.
Já vem chegando a hora misteriosa...

Coro das promessas

– Quando afinal conquistadas
alegrias prometidas
vos serão oferecidas
claras rosas de milagre!
Nós as promessas cumpridas
no tempo que nos aguarda,
pelas mãos da Virgem pura
mais alva que a madrugada
vos daremos a pureza
da manhã imaculada!
Cessará a vida antiga
Ó touro
(aparece o touro e vai se diluindo
com o cântido do coro
que acorrentavas
as forças claras do mundo
e assim, feroz, te vingavas
de teu destino obscuro.
Teu poder verás desfeito,
a outro poder sujeito
e a vida, desencantada,
se fará fecunda e clara
em seu sorriso perfeito.

Mãe da Praia

– Escutai e contai ao povo estas
maravilhas que vedes proclamadas
pois eu, que já sou velha, não me aceitam
as verdades ocultas, protestando
que fruto são da idade...

(as luzes vão se acendendo até formarem
um claro súbito de arco-íris)

– Eis que amanhece
o mundo e nós no mundo amanhecemos!

2.^a Cena

Velho Bento (só)

– Depois que tanta vida fui vivendo
e vida honrada, desde pequenino,
acostumado pelos bons caminhos
e longe da mentira, engano, falsas
palavras, ilusões vazias, falso
o coração. Depois que assim vivi,
já quando sinto um peso me chamando
o rude corpo para seu descanso
junto da terra em que gerado foi;
depois que longos anos vou sofrendo
a dor de tua ausência que resiste
ao caminhar do tempo que costuma
não perdoar as afeições mais ternas;
depois que vi a dor como alimento
diário em nossas vidas repartido;
depois de assim viver: a face erguida
sem receio de ter de envergonhar-me
de alguma falta, antes porém sentindo
nos meus cabelos brancos bem escrita
a clara sorte de uma vida honrada;
hoje, quando mais nada ou pouco espero,
e, sem ambições lanço minha rede
para colher as dádivas do mar,
eis que, Destino, por que assim me feres?

A frente baixo vergonhosamente
pois minha filha, amada filha minha,
a que gerei e me custou cuidados
e alegrias me deu e como as flores
vi crescer e sonhei de altos destinos

tocada, agora vejo: para sempre
ferida de terrível maldição.
Onde seu corpo virgem? Onde aquela
sua graça? Seu riso, sua voz?
cantando nas manhãs? Onde o carinho
de que me rodeava? Todos foram
na torpe entrega de seu corpo, carne
de minha carne maculada. Antes
melhor me fora não vivesse tanto
que tempo houvesse de sujar meu nome.

Rosafalsa

– Ouviste? É nosso pai que amaldiçoa
a filha que pecou em sua carne.
Que farei, que farei?

Maria Amor
Rosafalsa

– Pede perdão.
– Não posso que me fogem as palavras
e me falta a coragem de dizer-lhe:
– Pai, pequei contra ti e contra Deus!

Maria Amor

– Te ajudarei se disso precisares.
(entram)

Ambas

– Meu pai!

Velho Bento

– Qual de vós já não é digna
de ficar ante mim? (silêncio)
Não respondeis!

Qual de entre vós não mais é minha filha
pois não mais reconheço nela o sangue
honrado que nas veias me circula?
(silêncio)

– Foste tu, Rosa, Vejo no teu rosto
sinais de quem se culpa e não acusa
o mal que cometeu. Tu, a que amava
sobre todas as coisas deste mundo
assim me abandonaste, assim traíste
teu pai? Como pudeste tu, ingrata
esquecer não conselhos mas exemplo
que estranhos reconhecem e respeitam.
Por que não falas, por que assim te acusas?

Rosafalsa
Maria Amor

– Meu pai...
– Não, não foi ela, a maldição

deve cair em mim, a que pequei
a que sequer merece teu perdão.
Fui eu quem te traiu, fui eu aquela
pior das filhas que, esquecendo tudo,
manchou o sangue honrado donde veio.

Velho Bento

– Maria, até mentira me parece
ou sonho mau, que, já no fim da vida,
estas mãos que jamais amaldiçoaram
o tenham de fazer e contra ti!
Cruel Destino que a ninguém perdoas
e que nada detém, assim castigas
mais ainda este velho como se
não o tivesse a vida castigado!

Mas tu que assim pecaste, não és mais
carne de minha carne. Por te amar
não te amaldiçoarei, como mereces,
mas vai, deixa este lar honrado e nunca
ante meus olhos voltas pois que ver-te
é mais do que morrer, pois é vergonha
e desonra me fere mais que morte.

Aqui a sombra de tua mãe vive
ainda e viverá. Se não respeitas
os vivos, que dos mortos o sagrado
temor ao menos sintas. Vai! Não manches
o nome imaculado da que é morta
e sofreu para dar-te vida a ti
que, infeliz, sequer a mereceste.

(Maria Amor sai. Rosafalsa chora)

Maria Amor

– Assim os justos castigados vejo
enquanto folgam os impiedosos!
(do lado de fora cerrando lentamente
a porta)
– Só tu, Senhor, sabes das injustiças
a que vivemos nós sempre sujeitos.
Eu, que inocente estou, me vejo expulsa
do lar que tanto amei, para salvar

quem tal castigo merecera. Vejo
que para o sacrifício fui nascida
e se esta é minha sina, que se cumpra!

Adeus, meu pai, que meu castigo limpe
tua vergonha. Que de novo possas
horas felizes ter junto daquela
que sempre, injustamente, preferiste.
e para grandes coisas desejaste.
Maior dor sentirias se souberas
a verdade; que possa oferecer-te
ainda mais esta prova meu amor.
Adeus.

(no interior da casa)

– Assim me foi roubada a filha!

III ATO o sacrifício

- 1.^a Cena – Terreiro de danças ao anoitecer. As coisas tomando um ar trágico e misterioso. Gênios do mal: vozes masculinas; gênios do bem: femininas.
- 2.^a Cena – Ainda no terreiro. Noite fechada. Alguns fochos ardendo e criando sombras misteriosas. Quando os dançadores saem fica apenas um facho tombado no chão. Quase obscuridade.
- 3.^a Cena – Novamente na praia como no primeiro ato. Anoitecer. Efeito de luz do pôr de sol.

1.^a cena

- Invidia – Assim a vida é dividida: alguns poucos gozando o que é melhor da vida e os outros como cães roendo os ossos! (em eco)
- Gênios do mal – ... cães roendo os ossos!
... os ossos!
- Invidia – Eu as vejo de amor recompensadas e a mim me cabe apenas o desprezo.
- Gênios do mal –... desprezo!
- Invidia – E sou igual a todas, minhas mãos cortadas de trabalho. Igual destino o de miséria. Mas todas possuem quem lhes anime o coração. Só eu não encontro palavras que me animem, nem carinho. Destino, assim divides tão mal as alegrias e venturas!?
- Gênios do mal – Invidia,
tens na mão o que precisas
para vingares tua sina:
os poderes ocultos te darão
o que a vida te nega.
Recorre a eles e terás
O que procuras.
- Gênios do bem – Não, Invidia, não ouças
essas promessas falsas.
Pois contra teus irmãos
ousas ser desleal?
Não, Invidia, o destino
não se vence com esse
mau desejo. Não ouças
os gênios maus...
- Gênios do mal – Invidia

a tua salvação
só nos oferecemos.
Sempre fizeste o bem
infeliz, pois recorre
aos poderes ocultos.
Terás o teu amado
depois que castigado
ele for...

Invidia

– É meu

e todas querem a quem amo.
Eu vi como falava a Rosamonde
e de amor só podia ser por certo.
Mas ele é meu e não será de quem
não vejo porque possa merecê-lo.
Antes morto eu o quero do que entregue
a carícias e beijos dessas outras.

Também tenho beleza a oferecer-lhe
e amor – tudo que pode uma mulher
lhe darei que ele é meu: não dessas todas.

Gênios do mal

– Ele é teu apenas
e deves prendê-lo
a ti ou destruí-lo
se não souber amar-te.
E só merecem ódio
as que roubar procuram
o que é teu: Malamado.

Gênios do bem

– Invidia, Invidia, sabes
o mal que te preparas?
É contra ti ó louca
que os castigos virão.

Invidia

– Eis que ele vem! Aquele que possui
o poder das obscuras, misteriosas,
sombrias coisas. Dono das ocultas
encantações.

(dirigindo-se ao feiticeiro)

– Senhor, senhor ouvi-me!

Feiticeiro — O que me pedes tu?
Invidia — Que me socorras
num mal de amor que é quase sem remédio.

Feiticeiro Onde está o que fuja ao meu poder
se com os santos tenho intimidade
e as coisas me obedecem mansamente
como cães a seu dono? Se me pedes
que em mal de amor te ajude eu o farei
para que não duvides dos maiores
mistérios de Oxalá. Fala!

Invidia — Senhor,
Malamado, a quem amo, não escuta
a voz do coração que nunca cessa
de chamá-lo, sem paz e sem sossego
enquanto não puder chamá-lo seu.
Só vós com vossa força e vossa reza
podeis trazê-lo a mim e separá-lo
daquelas que tomaram meu amor.

Feiticeiro — Mulher eu sei a dor que causam essas
amarguras de amor. Tenho vivida
longa vida e meus olhos já gravaram
os seus mistérios. Muitos são os casos
como o teu, parecendo sem remédio,
por mim remediados. Se confiares
nos santos como deves, te darei
o que pedes.

Invidia — Senhor, disse-me como?
Feiticeiro — Sobre ele abater-se-ão tais desavenças,
seu corpo sofrerá tão grandes dores,
sua alma será tão perseguida,
que por fim há-de ver o que não vê
e teu será sem dúvida.

Invidia — Mas quando
essa alegria me virá? A espera
já tem meu coração desesperado.

Feiticeiro — Será na sexta-feira, em que propícias
estão as coisas para tais milagres,
quando sobem ao céu as nossas rezas.
Pouco tempo será até que teu

apenas êle seja. Vai. Confia.

Invídia

– Por fim terei o amado que desejo!

Gênios do bem

– Infeliz, infeliz, de ti! A cólera
dos deuses sobre ti virá
e o mal que desejaste sobre ti
se abaterá e soltarás gemidos
de dor e de tristeza, ó infeliz,
que assim o inferno desafias. Pobre
de ti, ó cega que nem vês
que, por mal, nunca o bem foi conseguido.

Invídia

– Será só meu! Só meu! Só meu! Só meu!

2.^a Cena

No terceiro efetua-se a dança misteriosa.

(subitamente)

Invídia

– Parai! Parai! que é morta, que ela é morta!
e sua vida eu destruí! Parai!
Louca fui, só agora vejo claro
o erro cometido, mas é tarde
e já a maldição sobre mim desce
e a cólera do deus! Se minha sina
era não ter amor, melhor me fora
aceitar o destino do que ver-me
em tal miséria súbita lançada.
(os dançadores vão deixando a cena)

Tu, que morreste por salvá-lo, embora
piedade de ninguém eu já mereça,
tem piedade de mim se tal puderes,
que só tu a terás.

Ó má inveja
que em má hora minha alma povoaste
de sombrios desígnios, pois sequer
ante os imerecidos sofrimentos
do amado me detive. E não amava
pois quem ama se entrega a suas lágrimas
e rasga sua alma em desespero
para que o amado tenha segurança
e vida livre e coração tranqüilo.
Inveja me lançou por maus caminhos
e, sem saída, neles estou presa.
Pois a matei, meu deus!, e merecia,
ela sim, puro amor e tantas graças
que só vós poderíeis conceder-lhas.

A ninguém pedirei que me perdoe
o crime sem perdão que hei cometido.
Fugirei, fugirei por esse mundo
até que minha dor seja tão grande
que de novo mulher possa chamar-me
e levantar do chão os olhos, que hoje
presos ao chão se encontram de vergonha.

Maldita a hora, mãe, em que nascida
fui de ti pois melhor me fora que
nunca existisse a ver-me como vejo
em tais extremos de miséria posta
que, animal repelente, apenas devo
esperar que desgraças e abandono,
desprezo, maldições sobre mim caiam
sem defesa que possa comover
os desígnios sagrados do Destino.

Antes morta, antes morta que vivendo
neste suplício, neste inferno vivo
que me queima as entranhas. Infeliz
de quem contra o Destino se levanta!
Se errar é de quem vive, minha vida
às demais sobrepõe-se pois não creio
que haja no mundo quem igual a mim
seja em desgraça. Eis que só me resta

ir suportando a dor e sem queixar-me
e males que me venham merecidos.

– Senhor, Senhor!

O Destino

(apenas uma sombra)

– Mulher, que nada eu posso
fazer por ti. Me chamam de destino
mas só existo em vosso pensamento.
Vós mesmos me criais à vossa imagem:
incerto, injusto, duvidoso, vário
e mal distribuindo aqueles males
criados pelos homens. Pois que posso?

Antigo vício é esse, de quem erra,
e a deuses os seus erros atribui
como se deuses venham misturar-se
com esta humana imperfeição que fere
seus minuciosos olhos sem defeito.
Povo dos homens, como te amesquinhas
com esse gesto vão de desculpar-te
das culpas que te ferem de remorsos!

Cada um tem aquilo que merece
e a justiça demora mas vem sempre
para quem esperá-la sabe. Tu,
mulher que desejaste sem limite
e nada te deteve pois querias
avaramente para ti tesouros
que são de quem tiver de merecê-los;
tu, infeliz, que poderei eu dar-te?
A vida te virá que mereceres
e não por loucas ambições fatais.

– Mulher, mulher, assim te condenaste,
tu mesma lutarás para salvar-te
das cóleras e pragas que te espreitam.

(desaparece a sombra)

As cóleras

– Ah! Ah! Ah! Ah! Tu, miserável filha
dos negros e obscuros pensamentos

do mal, agora és nossa. Quem te livra
das cóleras a que és acorrentada?
Teus dias contarás pelas desgraças,
teu pão terá um gosto de veneno.
Ah! Ah! Ah! Ah! Tu, miserável...
O Louco — Invidia

eu sei, eu sei a dor de que padeces.
Eu vi quando tramaste a perdição
para ti mesma e vi que ela, cordeiro
de doçura levado ao matadouro,
nas águas lentamente se perdia.

Pobre de ti!, quem pode perdoar-te
se maior cólera e miséria chamas
sobre teu povo Invidia.
Invidia — Fugirei,
fugirei! Sofrerei longe dos meus
aqueles males que só eu mereço.

O Louco — Não, não te vás! Já vem chegando o tempo
em que acontecerão misteriosos
milagres quando a rosa deste mundo
matar o encantamento e, já cessada
a cólera do Touro, enfim vejamos
a clara madrugada. Espera o tempo,
que já é próximo, quando a clara Virgem
nos salvará a todos: Rosamonde!

Invidia — Rosa do Mundo, salva-me senhora!

O sacrifício
3ª Cena

Rosamonde
Rosafalsa — Não chores! Porque choras?
— Se soubesse...
Sou a mais infeliz das criaturas...
Pobre de mim! Pobre de mim! Perdida
estou e de mal que é sem remédio.
Matei a minha irmã...

Rosamonde – Como mataste?!
 Pois sabem todos que morreu no mar:
 e se matou de amor...

Rosafalsa – Não foi seu corpo
 mas sua alma, essa eu matei!

Rosamonde – Oh louca!
 que dizes?

Rosafalsa A verdade apenas digo.
 Era eu quem castigo merecia,
 a que ofendi meu pai, porém coragem
 me faltou para lhe dizer a falta
 e lhe pedir perdão. Maria Amor
 sobre si recolheu a minha culpa
 para morrer de mágoa e sofrimento
 coberta de injustiça e eu, sem coragem
 de confessar minha desgraça.

Rosamonde – Posso
 crer no que dizes? como permitiste
 que tamanha injustiça se cumprisse
 contra Maria Amor, como pudeste
 em silêncio sofrer que se acusasse
 quem estava inocente? –

Rosafalsa – Sei, amiga,
 que mais nada mereço; tudo quanto
 havia em mim, perdido está e nunca
 conseguirei perdão. Segui as falsas
 e lisongeiras falas e perdida
 por ele fui mas sem deixar de amá-lo.
 Ofendi quem honrado sempre fora
 e trai o seu amor: pobre meu pai
 que tanta desventura por mim teve.

Rosamonde – Porque ouviste, insensata, as enganosas
 palavras de estrangeiro, em nossa terra,
 que sequer conhecias?

Rosafalsa – Me tentaram
 suas promessas de mais bela vida,
 cansada desta sina desgraçada
 que vem de avós e pais e jamais cessa
 de ferir nossa vida.

Rosamonde – Assim esqueces

o sofrimento de teu povo e sua
nunca morta coragem? Assim trais
teu povo a quem deveras tudo dar
pois preso a ele estás: a suas glórias
e alegrias e dores e esperanças?
Não sentes que pertences a esta raça
de deserdados mas jamais vencidos?

Rosafalsa

— Eu sei, bem sei: meu mal não tem remédio
pois sou a mais indigna das mulheres.
Vou partir, que meu povo não mereço
e nem quero atrair sobre ele mais
desgraça do que sofre. Se castigo
alguém tem de sofrer, seja eu apenas
quem sofra pelo mal de meus pecados.

Irei correr no mundo minha sina
que já prevejo semeada de
dores e de castigos merecidos.

Oh Ledo Engano, por te amar e crer
em quanta coisa falsa me dizias
assim me vejo reduzida a esta
amargura final. Fique o exemplo
àqueles que se fiam de promessas...

Adeus, amiga, tu que assim mereces
por esse coração imaculado
fica-te com os teus, que meus não são
pois os perdi e, abandonada parto.

Rosamonde

— E teu pai? Deixarás que no seu peito
fique a dor de perder-te misturada
com o sentimento da perdida filha,
Maria Amor, a que não merecia
a injustiça sofrida?

Rosafalsa

— A ele irei
confessar o que fiz; pois mais não posso,
que ao menos redimida na memória
a imagem da irmã oferecida
por mim em sacrifício fique pura

tanto quanto merece. Adeus! Adeus...
 (parte Rosafalsa)
 Rosamonde – Adeus, melhores dias tu encontres.
 (ajoelhada)
 – Senhor, senhor a compaixão vos mova
 e não justiça e cólera. Coitada
 da que nas vossas mãos não piedade
 mas rigor encontrar. Misericórdia
 para ela vos peço. Que seu erro
 foi grande, mas sofreu. E será mãe!
 Pelo menos, senhor, esse menino,
 gerado na desgraça, vos comova...

O Louco – Choras? Rezas?
 Rosamonde – Pedia por aquela
 que o destino feriu tão fortemente
 que perdeu lar e pátria...

O Louco Rosa falsa
 que o vento da desgraça desfolhou
 e era bela e por muitos tida como
 a que nos salvaria! Assim enganam
 as vaidades do mundo: aquele amigo
 que tu consideravas verdadeiro
 espera apenas a hora desgraçada
 para insultar-te; aquele que, pensavas,
 sobre todos se erguia, rocha forte
 isento de qualquer defeito humano,
 vê amanhã que os vermes da luxúria
 o devoravam; a mulher amada
 por quem até a vida entregarias
 a outros dá seu corpo... Assim a vida
 nossa vem sendo e sempre foi. Quem pode
 na humanidade confiar? De louco
 me chamam porque digo apenas
 duras realidades verdadeiras.

Conheço o mundo, Rosamonde, e amargas
 coisas eu tenho visto mas agora
 meus olhos estão frios – por que vejo
 eu ainda? – que nunca porém vira
 tão sublime milagre neste mundo
 e muito tenho andado, muito visto

misérias assombrosas, alegrias
de o coração pararem!, porém nunca
um caso assim de amor e sacrifício.

Eu a vi, eu a vi como cordeiro
que balando é levado ao matadouro
eu a vi que marchava ao sacrifício
se perdendo nas ondas para que
o amado fosse salvo das horrendas
ciladas que lhe foram preparadas.
Ela soube que estavam celebrando
rezas negras e foi, como cordeiro
levado ao matadouro, oferecer-se
para que os deuses nela saciados
poupassem o que amava, Malamado.

Rosamonde

– Malamado dizeis? Pois tal assombro
entre nós foi passado?

O Louco

– Sim, aqui
neste cabo-de-mundo, vim achar,
eu, que por tantas terras viajei
e viva vida vi, este maior milagre
este portento! Maria Amor chamava-se
essa mulher suprema que, de amor,
se imolou!

Rosamonde

– Pois Maria Amor?!

O Louco

– Sim, ela
a que o Pai maldissera e deserdera
de seu amor! Ó confusão do mundo
que assim maltratas! O segredo oculto
das coisas e dos homens: cada um
diverso do que mostra sua imagem!

– Meu povo, tu, que tal filha tiveste
para maiores signos és fadado!
Agora vejo como és grande, terra
onde nasci e vejo os sinais claros
da madrugada há tanto prometida.

E não o mar – o mundo, Rosamonde
eu vejo na esperança do Mistério.

Rosamonde
O Louco

— O Mistério!

— ... que vem ressuscitar-nos.

IV ATO
anunciação

**Ainda na praia. Antemanhã.
Amanhece lentamente até
uma luz viva e deslumbrante.
Tirar o máximo efeito da luz
do arco-íris da cena final,
dar um toque de sobrenatu-
ralidade.**

1.^a cena

O Estranho

— Alva praia dos lençóis,
silêncio do madrugada,
espuma de mar e lenda
e atitude inesperada,
corpo de mulher despida:
despida de desejada.

Em clara manhã te vejo
de súbito embandeirada
de sol e de velas brancas
e sinfonia das águas,
roçada por asas negras
de gaivotas desvairadas.

Praia de súbito medo,
misteriosa e sagrada!
Face de cigana antiga,
palma da mão desvendada,
som dos ventos incontidos
rugindo à noite assustada.

Alva praia longa e densa
ferida de agoiro e medo,
lençol onde a noiva espera
o noivado de segredo
em noites densas e longas
feitas de sal e mistério.

Em ti os rostos se fecham
e os olhos, pássaros tontos,
fogem das ondas noturnas
onde o segredo jaz torvo:
sinal das ondas raivando,
troar soturno de touro!

Ai do olhar incontido
que se demora surpreso
na estrela que entre pontas
guarda poderes de inferno

e cintila sobre as ondas
seu duro poder supremo!

Ó touro Sebastião
refugiado no mar,
mágico da morte isento
dono da praia exemplar,
amargo senhor imerso
na forma a desencantar.

Touro sagrado na testa
por alva estrela sagrada.
Que madrugada suprema
te tocará a intocada
carne ferida sem toque
de morte de fria espada?

Ó rei desaparecido
na derrota imerecida,
claro senhor protegido
das frias fadas da vida,
que morte, sem ter morrido,
vos matou naquele dia?

Sei que, sendo ainda rei,
o és de reino diverso,
tão amplo como teu sonho
que não chegou a ser reino,
touro do mar sem limite
no encantamento sem termo!

Sem termo até quando claro
poder de carne sagrada
de virgem, pelo destino
a desencantar fadada,
beijar a estrela, entre cornos,
de encantamento marcada.

Mas, onde tal virgindade
em carne de virgem alva
que o destino acumulasse

de tais poderes na alma
que, beijando-o, despertasse
o príncipe rei da praia?

Pois se pretensa donzela
sem a pureza bastante
tentar romper o mistério
do touro senhor infante
será convertida em pedra
de contorno degradante.

Que olhar, ainda o de velho
marinheiro às águas feito
e dado, como se fora
delas o filho perfeito,
ousou demorar na estrela
seu duro olhar verdadeiro?

Qual, que não fosse ferido
por invisível espada
e, pelo gesto incontido
tão rudemente pagara
que à beira do mar perdido
se achara e ninguém o achara.

Seu corpo que mal olhara
jamais olhado seria.
Incógnito se afundara
na obscura maresia
e para sempre se fora
com a maré que partia.

Ninguém sabe qual a hora
do touro desencantar,
apenas se ouve que chora
nos vastos campos do mar
e chama a virgem senhora
que será para o amar.

Talvez nem ela conheça
o mistério a que se prende:

mas por ser tão preciosa
bem o destino a defende
até quando escute o choro
que por Ela o touro geme.

Tempo será quando um dia
flutuando sobre as águas
sua carne nua e fria
de menina bem-fadada
irá ser oferecida
com os poderes que guarda.

Tocada a carne do touro
no prodígio de seus dedos
tomarão ao ser beijados
os poderosos segredos
com sonoro som amargo
de vento, mar e mistério

e o touro virá das águas
claro príncipe supremo
(para considerando algum tempo)

– Assim grandes verdades encobertas
sempre viveram em misteriosas
imagens belas nunca destruídas!

(como acordando do alheamento)

– Vós que passais!

Rosamonde
O Estranho

– Chamavas-me senhor?

– Sim, te chamava, bela criatura;
teu nome?

Rosamonde
O Estranho

– Rosamonde.

– Rosamonde
um belo nome é esse minha filha.
Rosa do mundo sejas. Mas, pergunto:
é longe o povo?

Rosamonde

– Não, pouca distância:

em passo firme dez ave-marias.

O Estranho

– E vós que aqui fazeis, bela menina

- a estas horas, só, nesta deserta
praia?
- Rosamonde – Rezo pela que é morta
Maria Amor que se perdeu nas águas.
- O Estranho – Esse o destino é de pescadores!
- Rosamonde – E vós, quem sois?
- O Estranho – Meu nome nem eu sei
de tantos que me deram pelo mundo:
uns filho me chamaram, outros pai,
outros irmão e muitos inimigo.
- Rosamonde – De onde sois vindo?
- O Estranho – De correr o mundo.
- Rosamonde – Onde nascido?
- O Estranho – Em vossos corações
– Em nossos corações? Misterioso
é tudo o que dizeis. Mas se vos vejo...
- O Estranho – Talvez eu seja apenas mensageiro
de alguém desconhecido, um sentimento
puro, enviado na desesperação
ou na próxima hora de esperanças.
Talvez eu nem exista e seja apenas
uma sombra passando pela vida.
- Rosamonde – E a que viestes? A
- O Estranho – Anunciar o tempo
das maravilhas tão anunciadas
e em vossos corações sempre guardadas
sem desânimo em horas as mais tristes.

Ainda não chegou o prometido
reino que nascerá ao ser quebrado
pela intata virgem prometida
o encanto do Touro; mas vem vindo
a manhã de ventura e segurança
longamente esperada. Quando os homens
despido o coração da vã cobiça
e as mãos de gestos enganosos, mortas
para sempre as palavras venenosas,

a inveja mortal e o ódio verde;
quando banhada de fecundas águas
a terra se vestir de leite e mel
e os rebanhos forem multiplicados
e cheias a romper as vossas redes!

Rosamonde – Senhor, vejo que sois homem sincero
e não mentis, mas tais palavras vossas
me comovem e deixam perturbada

O Estranho – Em verdade te digo que dos simples
e amargurados são os novos dias
que agora te anuncio.

Rosamonde – Mas, senhor,
agora quando o povo é perturbado
por dolorosos acontecimentos
e o mar ingrato e os dias de castigo
parecem se abater sobre meu povo,
agora me dizeis que são chegados
os prometidos tempos!

O Estranho – Pois não sabes
que a tempestade vem antes do claro
céu onde o arco-íris se desenha,
e as dores da mulher lhe vêm antes
da alegria do filho: assim o tempo
de graça e de fartura é precedido
e preparado pelas mais extremas
horas de desamparo. Quando o povo
está maduro pelo sofrimento
se não perdeu a confiança nas
promessas em seu peito conservadas
então, purificado, ele está próximo
a receber aquilo em que confia.

(o Louco que ouvia tudo escondido,
aproxima-se)

O Louco – Não vejo o mar e vejo o mundo. Vejo
as cores que terá a madrugada
e vejo, Rosamonde, em tuas mãos
o poder de salvar-nos...

Rosamonde – Pois estavas
ouvindo o que falávamos?

O Louco – Não vejo
o mar, o mundo vejo por fim salvo
desta miséria que corroí e mata.

Rosamonde – Mas quem sou eu para que tais milagres
por minhas pobres mãos vos aconteçam?

O Estranho – Rosamonde, tu és a que sonhada
sempre esteve nos corações mais puros
por isso te cercaram de pureza
nossos desejos. Para além do corpo
que vemos, nós sentimos o oculto
teu ser nascido em nós os que sofremos
carne viva do mundo. E tu resumes
o que é melhor em todos nós, por isso
Rosa do mundo te chamamos, bela
menina que de amor foi concebida
e gerada na dor e esperança!

Rosamonde – Mas, senhor, tantas houve mais perfeitas
do que eu e nenhuma teve forças
para vencer o Touro que da morte
por seu poder chamamos!

O Estranho – Rosamonde
as terras só se cobrem de seus frutos
quando é chegado o tempo. Não te assuste
esse touro da morte. Tua força
não é apenas tua mas de todos
os que esperam a redenção. Os homens
sempre amaram falar-se por parábolas
assim o Bem que os fados lhe roubaram
e dorme envolto pelo Mal chamaram
de Touro e o colocaram sob as ondas
desta perdida praia.

O Louco – Não o mar
o mundo eu vejo!

O Estranho – Sigo meu caminho
e vou anunciar ao povo esta
próxima clara madrugada.

Rosamonde

– Pois
assim quis o destino, que se cumpra
em mim vossa palavra.

O Louco

– Salve, Rosa do Mundo que nos salvas!

2.^a Cena

(Ainda na praia. Rosamonde olha o
nascimento da manhã. O louco está
maravilhado).

Mãe da Praia

(chegando)

– Enfim, Senhor, meus olhos se edificam
ante a contemplação dos vossos dias!
Já no leite materno me foi dada
a sina do mistério prometido;
minha mãe me embalou como se fora
eu a que os fados tinham destinada
para a consumação da profecia.
Hoje meus olhos, já cansados, vêem
afinal que se cumpre a prometida
maravilha.

– Ó touro sem limites
que, há séculos, na dor do encantamento
sobre nós desatavas furioso
a cólera dos ventos e das águas,
tua hora de amor já vem chegando
e com ela virá a merecida
alegria de um povo que, perdido
em dores e misérias e desgraças
numca jamais logrou gozar sossego
ou paz. Bendita sejas esperança
que sempre os corações fortificavas
por entre o horror dos dias desolados!

– Bendito sejas tu meu povo amado
que tamanha alegria, merecida
tens pois os deuses sempre se recusam
a dar o que não seja merecido.
Sei que não serão meus esses futuros
tempos – este corpo, já cansado
contados tem seus dias; porém minha
é a alegria de que deus me desse
vida para saber próximo o tempo
que tanto desejei. Meu coração
não sei se mereceras esta graça
de ver as cores do milagre vindo
na cor da madrugada!

(amanhece mais nitidamente)

Coro da Alegria

– Ó prometidos
tempos amados
feitos da cor
da manhã clara!
Corpo de lírios
e deslumbrados
campos de trigo!
Rumor das águas
dos novos rios
da madrugada!

(vem chegando todo o povo)

Todos

– Ele nos disse que a hora é chegada
e vemos que amanhece!

Mãe da Praia

– Ó tempo, ó tempo...

O Tempo

– Eis-me junto de ti que me chamavas.
Eis que chegado sou e inumeráveis
caminhos percorri. Vede a poeira
nas sandálias, a face envelhecida,
o vulto castigado de intempéries!

Doem meus olhos pelo mundo que
tenho visto rodar, há quantos séculos!
Em mim, nesse meu corpo que é sem corpo
e está além das formas transitórias,

se acolheram as ondas desse mar
de marés vivas que é a vida humana.

O Louco

– Não vejo o mar e vejo o mundo. Vejo...

O Tempo

– E doem estes olhos pelo muito
de sofrimento e angústia e desespero
que fere a raça humana. Tenho visto

tanta esperança transformada em morte,
a justiça vestida de injustiça,
o bem sempre vencido e subjugado!
Mas hoje sou chegado para vós
os simples e de puro coração,
onde a vida resiste, os que jamais
perderam confiança no sonhado
mundo. E venho anunciar-vos
que amanece e, maduro, tomba o fruto
em nossa mão: a luz da profecia!

Coro da Alegria

– Bem esperada
manhã da vida
em muitas lágrimas
gerada e merecida.
Rosa do mundo
e da alegria
sorriso puro
que se anuncia!
Clara manhã
oferecida
de amor e graça
e harmonia.

(Todos estão deslumbrados.
As luzes do dia aumentam.
Até ao final quando o
arco-íris deslumbra.)

Todos
Coro da Alegria

– Rosa do Mundo que nos salvas!
(com intensidade)
– Águas do mundo, levantai-vos e chorai de alegria!

Ventos do mundo, cantai vossa alegria!
Fogo do mundo, ergue tua chama de alegria!
Terra oferece ao homem teus frutos de alegria!,
que esta é a hora sagrada.

O Tempo – Vede, já nasce a madrugada viva!
Ide ver o mistério prometido.

Todos – Caminhemos ao encontro do milagre!

(O coro da alegria continua ouvindo-se
em surdina durante estes diálogos.
Inicia-se a marcha em ritmo sagrado)

Cai o pano.

Bandeira Tribuzi



Composto e Impresso no Serviço de Imprensa e Obras Gráficas
do Estado - SIOGE
Rua Antônio Rayol, 505 - São Luís - MA
Tel.: 222-5744

EDIÇÕES SIOGE



Composto e Impresso no Serviço de Imprensa e Obras Gráficas
do Estado – SIOGE
Rua Antônio Rayol, 505 - São Luís - MA
Tel.: 222-5744

